



Fotos: Kaat van Ongeval (EkoRural)

Revalorizando as sementes camponesas no Equador¹

Ross Mary Borja, Pedro J. Oyarzún, Sonia. M. Zambrano,
Francisco Lema e Efarín Pallo

O manejo comunitário da agrobiodiversidade faz parte de um complexo sistema de organização social do trabalho em comunidades camponesas

Atualmente, inúmeros relatórios internacionais atestam a importância da agricultura familiar camponesa na conservação e no desenvolvimento da biodiversidade agrícola bem como na promoção da soberania e segurança alimentar dos povos. A velocidade com que os recursos genéticos locais têm desaparecido deixa claro que, a menos que os esforços comunitários para a conservação *in-situ* sejam reconhecidos, as perdas no âmbito global serão irreparáveis.

O manejo comunitário da biodiversidade é reconhecido como uma estratégia essencial para a conservação dos recursos genéticos. Ele integra conhecimentos e práticas com o objetivo de fortalecer as capacidades das comunidades rurais para tomar decisões sobre a conservação e o uso da biodiversidade e assim garantir o acesso e o controle sobre os recursos. Para os povos das montanhas, que constituem a maioria da região andina do Equador, o manejo comunitário da biodiversidade é considerado o principal pilar para assegurar a resiliência dos sistemas produtivos frente aos efeitos das mudanças climáticas e recorrentes crises dos mercados.

É sabido que as comunidades camponesas empregam a biodiversidade agrícola para aumentar seu leque de opções no sentido de reduzir os impactos de mudanças imprevisíveis. Isso explica a importância da conservação da biodiversidade nas propriedades rurais, bem como a necessidade de instituições de base comunitária que se ocupem desse papel.

O desencontro entre perspectivas

As contribuições da agricultura camponesa à alimentação dos equatorianos são significativas. Mais de 50% dos produtos da dieta nacional são fornecidos pelos camponeses, sendo que, no caso de certos produtos, como a batata, a cebola e o milho, essa contribuição supera os 70%.

A base biológica dessa produção são as sementes tradicionais. De fato, a maioria das culturas andinas depende de sementes produzidas nas comunidades camponesas. O manejo da agrobiodiversidade empregado nessas comunidades

constitui, sem dúvida, uma das expressões mais evidentes da vitalidade da auto-organização social, já que abrange uma extensa rede de atores, influências, tradições e instituições que resiste às interferências externas e políticas hostis às organizações tradicionais.

Apesar da importância desses sistemas de manejo comunitário dos recursos genéticos, houve negligência e falta de compreensão por parte dos agentes promotores da modernização da agricultura no país. Além disso, o processo de privatização do Estado, que começou na década de 1980, enfraqueceu o papel das instituições públicas de pesquisa no aprimoramento dos conhecimentos sobre esses sistemas de manejo de sementes locais.

Apesar do crescente reconhecimento de que a biodiversidade local é fundamental para manter esses sistemas agrícolas ativos e resilientes, nossos estudos na Serra Central do Equador apresentam evidências de que os sistemas agrícolas da agricultura familiar estão, em termos biológicos e organizacionais, em sério risco. De acordo com centenas de agricultores que entrevistamos nas comunidades rurais da região, entre as causas da perda de variedades e sementes estão: a promoção das monoculturas; as demandas dos mercados moldadas pela imposição de determinados padrões de qualidade; a migração, afetando o conhecimento local; e, no geral, a perda de conhecimentos sobre o consumo de determinados produtos nativos. Além disso, o aumento da variabilidade climática e a frequência cada vez maior de eventos climáticos extremos provavelmente resultarão na desorganização dos sistemas de manejo comunitário e perda do controle sobre as sementes locais.

O Quadro I revela a perda sistemática do controle das comunidades sobre os recursos biológicos. As *chakras* estão perdendo sua resiliência, colocando em risco o futuro da agricultura e de suas estratégias de vida. No entanto, o quadro também mostra que os membros das comunidades identificam ou se autoidentificam como lideranças no manejo de plantas e sementes.

Um chamado para fortalecer o manejo comunitário da biodiversidade

Dando voz aos produtores de sementes

Nos últimos anos, nossa organização tem trabalhado com famílias camponesas e indígenas na Serra Central procurando apoiá-las no enfrentamento do que elas chamam de *perda acelerada de cultura*. Iniciamos um processo de ação-aprendizagem orientado a identificar e evidenciar os fluxos, as funções, os produtos e as relações entre atores associados ao manejo das espécies agrícolas, incluindo a produção de suas sementes. Tí-nhamos como objetivo tornar visíveis o papel e a função das

sementes e de seus mantenedores para as comunidades e sua importância para as estratégias de reprodução social e econômica das famílias agricultoras. O processo se concentrou em destacar a agrobiodiversidade como um dos pilares de sustentação dos meios de vida das comunidades.

A primeira etapa consistiu na documentação, por parte dos camponeses, dos recursos genéticos disponíveis nas propriedades e na comunidade, bem como das práticas e conhecimentos relacionados a esses recursos. O trabalho envolveu atividades de experimentação, excursões e intercâmbios e visou preencher lacunas no conhecimento sobre as plantas cultivadas, a disponibilidade de sementes, a erosão genética, etc. Dessa forma, foi possível identificar os atores locais envolvidos nos sistemas de acesso e intercâmbio de sementes, dando pistas para apoiar o fortalecimento das redes locais que atuam no manejo e na conservação da agrobiodiversidade. Paralelamente, estruturamos uma relação com organizações oficiais de pesquisa, favorecendo um processo de incorporação de variedades melhoradas e de reintrodução de inúmeros

materiais vindos dos bancos de germoplasma, especialmente de batatas locais.

Começamos a construir uma proposta de bancos comunitários e a analisar quais são seus pontos fortes ou fracos, bem como seu potencial de abrangência territorial e política. Depois de um intenso processo de organização, vários bancos estão operando e têm mostrado grande capacidade para dinamizar o intercâmbio de materiais genéticos.

Quadro 1. Perda das variedades locais, fontes de sementes nativas e formas de intercâmbio em nível comunitário para cinco culturas andinas

Cultura / Espécie	Variedades perdidas nos últimos 5 anos	Fontes de sementes nativas	Troca, compra ou vende sua semente? Com quem?	É reconhecido como produtor de sementes?	Conhece outros agricultores que mantêm sementes ou são fornecedores?
Batata (n=50)	90% - 1 variedade 75% - 2 a 4 variedades > 50% - + 3 variedades	> 63% não têm fonte alguma 24% atribui às comunidades	66% família 12% outros Somente uma pessoa respondeu que o faz com seu vizinho	82% -- não	76% -- não
Milho (n=10)	100% -- não conhece	80% não têm fonte alguma 20% -- mercado	40% não faz nada 40% com o vizinho 20% com parentes	80% -- não	40% -- não
Olluco (<i>Ullucus tuberosus</i>) (n=7)	43% -- não conhece 56% -- 1 a 3 variedades	100% não têm fonte alguma	71% com ninguém	86% -- não	86% -- não
Chocho (<i>Lupinus mutabilis</i>) (n=7)	86% sabe ou não conhece	71% não têm fonte alguma	57% com ninguém 30% com compadres e amigos	100% -- não	70% -- não
Quinoa (<i>Chenopodium quinoa</i>) (n=50)	43% -- 1 variedade 57% -- não sabe	90% não têm fonte alguma	50% com parentes 33% não compartilha	91% -- não	91% -- não

n = número de agricultores
Pesquisa realizada com agricultores de Cotopaxi, Chimborazo e Bolívar entre 2009 e 2010



Mesmo sob difíceis condições, as famílias defendem suas próprias sementes



Dar visibilidade ao valor das sementes locais é condição para a defesa da autonomia camponesa

Arranjos para a difusão e o uso das sementes

Toda semente obtida no banco para fins de produção é devolvida como um mecanismo de capitalização comunitária, na proporção de 2x1. Já o mecanismo de *repassé em cadeia* é a base para a disseminação de materiais, buscando a equidade entre as partes. A ideia por trás desses arranjos é promover a redistribuição e a manutenção das variedades e gerar produtos para a venda, cujo retorno irá formar um fundo que viabilizará a aquisição de inúmeros insumos ou produtos por parte das famílias agricultoras.

À medida que as capacidades de melhoramento da diversidade local dos camponeses têm se fortalecido, as comunidades têm conseguido fortalecer os laços entre as famílias. E é essa conexão que tem favorecido a circulação e o compartilhamento de materiais e conhecimentos. As mulheres, em particular, ganharam maior reconhecimento dentro de suas comunidades por sua notória capacidade de conservar e melhorar as variedades e sementes.

Vínculos entre os consumidores urbanos e suas organizações com grupos de agricultores foram estabelecidos, buscando fortalecer a proposta agroecológica e

o acesso a alimentos saudáveis. Como resultado, o processo tornou possível reverter tendências de perda de biodiversidade e, principalmente, recuperar a identidade camponesa, restabelecer o orgulho por seus saberes e retomar o interesse pela inovação.

A título de conclusão, podemos dizer que qualquer ação voltada a fortalecer os sistemas agrícolas andinos deverá ter como ponto de partida as experiências, escolhas e prioridades das populações rurais.

É também fundamental fomentar a capacidade das comunidades para manejar suas sementes de forma autônoma a fim de dar respostas aos desafios para a manutenção da segurança alimentar, o que implica novos arranjos organizacionais e institucionais.

Nesse sentido, percebemos na experiência apresentada os benefícios de parcerias estabelecidas entre as organizações camponesas, as organizações de desenvolvimento rural, os governos locais, os institutos e as universidades buscando formas mais eficazes de estabelecer vínculos com o trabalho comunitário.

¹ Os autores agradecem a valiosa contribuição das lideranças das organizações camponesas, que manifestaram sua paixão e seu compromisso com um futuro mais promissor. Agradecemos também o apoio da Fundação McKnight, da Embaixada Holandesa, da Fundação Tidlund, da Fundação Swift e da FAO, que tornou possível a realização desta experiência.

**Ross Mary Borja,
Pedro J. Oyarzún,
Sonia. M. Zambrano, Francisco
Lema e Efarín Pallo**
Fundação EkoRural - Quito, Equador
rborja@ekorural.org